

# Concepção Rudimentar da Democracia

Raul Pilla

**P**ODE-SE, em verdade preferir o sistema de representação majoritária, com colégios de um só deputado, Mas, para que dê resultados satisfatórios do ponto de vista democrático, é indispensável haver condições semelhantes à da Inglaterra: dois grandes partidos mais ou menos equilibrados, de modo que as cadeiras perdidas em alguns colégios eleitorais são compensadas pelas ganhas em outros; praticamente, embora sem rigor, o partido que estiver predominando obterá a maioria das cadeiras no parlamento. Onde, porém, os partidos forem numerosos e desiguais quanto à força eleitoral, o sistema é simplesmente impraticável do ponto de vista democrático: o parlamento já não será a representação política do país.

Assim, não padece dúvidas ser o proporcional o mais perfeito sistema de representação: todos os partidos têm entrada no parlamento, e na medida da sua

fôrça eleitoral. Os defeitos que se lhe apontam não são próprios, mas decorrem de determinada situação política e social do país. Incriminá-lo por isto o mesmo seria que condenar num aparelho registrador a sua mesma sensibilidade. O mal não está no instrumento que o revela, senão no paciente que o padece.

Seja, porém, como fôr, há que optar entre a representação majoritária e a representação proporcional. O que não parece aceitável é conservar o sistema proporcional para o deformar e deturpar, reduzindo-o, na prática ao majoritário. Ora, nisto redundam a divisão dos Estados em círculos eleitorais de poucos representantes.

O ideal da representação proporcional seria constituir o país um só círculo eleitoral. A demasiada extensão territorial, a população muito numerosa e heterogênea, a organização fe-

derativa, porém, o impedem. E' forçoso chegar, assim, a circunscricões menores que o país, mas suficientemente amplas para que o sistema encontre sua perfeita realização. Na federação, a unidade eleitoral é naturalmente o Estado. Não se justificaria fragmentá-la, a não ser abandonando a proporcionalidade da representação.

Há, por certo, muita gente que prefere o sistema majoritário aplicado em círculos restritos. Tal preferência corresponde a uma concepção rudimentar da democracia representativa. Basta, segundo esta, que se constitua uma maioria para governar. Prescinde-se da elaboração da opinião pública, que somente a luta dos partidos, dentro e fora do parlamento, possibilita e na qual a minoria exerce por vèzes influência decisiva. Mas este não é o caminho que devemos seguir. A democracia é mais do que governo de uma maioria, verdadeira ou suposta.